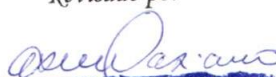


WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ZILHÃO, António. **Linguagem da Filosofia e Filosofia da linguagem**: estudos sobre Wittgenstein. Lisboa: Colibri, 1993.

ZILLES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

*Revisado por*

  
Elia Romano do Amaral Maria  
Bibliotecária - FACER  
CRB-1528

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Moderna, 1990.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2003.

BOHR, Neil. **Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932 – 1957**, tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

BUZZI, Arcângelo Rua **Filosofia para principiantes**. São Paulo: Saraiva, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.

COSTA, Cláudio Ferreira. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

DIAS, Maria Clara. **Kant e Wittgenstein: os limites da linguagem**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FRESQUET, Adriana Madel. **Educação, sociedade e cidadania**. São Paulo: Moderna, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MERLEAU – Ponty, Maurice. **Filosofia e linguagem: resumo de cursos: 1949 – 1952**: Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MONDIN, Batista. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1980.

contato do objeto. Uma condição necessária e suficiente para identificar os resíduos últimos da análise lógica da linguagem é encontrar os termos simples, definidos pelos nossos resultados.

Muita coisa mudou na filosofia desde que Wittgenstein produziu seus argumentos, e muita coisa não mudou a suposição de que existe a certeza da linguagem e proporciona um ponto de partida, para Investigação Filosófica.

## CONCLUSÃO

A linguagem é como uma área a ser investigada pode ser considerada como um ponto de partida para análise dos significados e de conceitos problemáticos, de forma particular nos revela o modo pelo qual ela é distribuída em códigos que correspondem a diferentes classes e grupos sociais.

A comunicação, isto é, a linguagem é que faz o elo entre os povos, e nações destruindo barreiras, acabando com diferenças e buscando novas conquistas. A linguagem é fundamental na vida do ser humano, pode-se dizer que ela tem o papel mediador das relações entre os indivíduos.

Assim a linguagem pode ser considerada um labirinto, porém capaz de resolver seus próprios problemas sendo um produto bastante sofisticado que só a razão humana pode criar. Poderíamos dizer que ela é a nossa própria personalidade.

Para Wittgenstein (1999) a linguagem é uma forma de entendimento, é através dela que podemos nos comunicar. A linguagem tem funções diferentes, dependendo do contexto em que ela está inserida, uma palavra poderá ter vários significados, sendo ela entrelaçada com o mundo, uma totalidade, uma palavra morta.

Os jogos de linguagem são os usos que fazemos das expressões lingüísticas no contexto ou na situação em que está inserida, ou conjunto de regra.

Para se falar de um objeto devemos conhecê-la, pois a palavra substitui o objeto. Não se deve considerar como falsa ou verdadeira sem antes saber como ela está sendo usada, dessa forma Wittgenstein (1999) afirma que a linguagem é como uma caixa de ferramentas, que todo instrumento depende de seu uso, assim são as palavras.

Wittgenstein na sua obra *Tractatus*, ele fala do atomismo lógico e que proposição corresponde um fato atômico, na qual não existem conectivos lógicos. "Isto é vermelho" é um exemplo de uma proposição atômica. Nota-se que qualquer uso do termo "isto" não tem falha de referência, sendo o sentido deste termo identificado no mundo extralingüístico. O sentido de "isto é vermelho" depende da identidade do objeto referido por "isto", sendo por isto dependente, e é então possível compreender o sentido de "isto" quando só se tem conhecimento por

um problema específico que os preocupa em relação aos alunos e crianças. Acontece que educar é uma ciência e uma arte; uma arte porque não tem regras fixas, ou seja, cada caso é diferente, cada circunstância é única e a linguagem é de suma importância. Educar é como ensinar alguém a falar, é abrir, é erguer, é questionar, é duvidar, é ensinar a duvidar, é ser modesto em saber ajudar.

Ouvimos muita coisa sobre a educação nos dias atuais. Mas, tanto ontem como hoje, o homem é mesmo a educação, o ser que se ergueu, que repara e cuida.

A noção da linguagem veri-funcional (verdadeira e funcional) confere exatidão e força à alegação de Wittgenstein de que há uma distinção real entre sentenças atômicas e não-atômicas. Ele é capaz de dizer não apenas o que é a distinção, mas, o que é mais importante como somos capazes de compreendê-la. Não é difícil para uma linguagem veri-funcional explicar de que modo a compreensão de sentenças atômicas leva a compreensão de todos os complexos infinitos que podem ser constituídos a partir delas.

Além disso, Wittgenstein é capaz de proporcionar uma nova e aparentemente clara distinção entre o necessário e o contingente, o analítico e o sintético, a priori e a posteriori. Tais distinções reduzem-se a distinção entre verdade lógica e a contingência.

No "Tractatus" (WITTGENSTEIN, 1999), a metafísica do atomismo lógico é apresentada quase sem referência a qualquer teoria específica do conhecimento. A própria visão de Russell sobre a teoria era decididamente empirista, identificando os fatos atômicos como relativos ao conteúdo imediato da experiência. Desse modo, a filosofia dá um passo na direção do positivismo lógico pelo quais todas as doutrinas metafísicas, éticas e teológicas são sem sentido, não devido a algum defeito do pensamento lógico, mas por não serem verificadas. O slogan do positivismo é o significado de uma sentença e seu método de verificação.

Deve-se também fazer, uma relação entre linguagem e educação. A partir de uma reflexão introdutória sobre a linguagem como poder simbólico pode-se analisar os discursos pedagógicos existentes dentro e fora da escola e suscitar nos alunos alguma consciência social, crítica e cultural sobre a escolarização, a educação e a aprendizagem. As abordagens são os estudos lingüísticos sociais, principalmente aqueles que propõem a criação de uma consciência crítica e situada na linguagem verbal. A linguagem cria representação de mundos, e ela determinante no sucesso ou insucesso, dentro da escola e fora dela. Observa-se o modo como os usos da linguagem se organizam em práticas sociais, mais ou menos estabelecidos, ao mesmo tempo como outros usos se organizam e estruturam em menos valorizadas, nas que dialogam, resistem e subvertam normas institucionalmente construídas.

A tarefa da educação é delicada porque supõe, em princípio, amor, desprendimento, doçura, firmeza, paciência e decisão. Quantas vezes professores e pais, cheios de entusiasmo e esperança, compram livros com o intuito de resolver

quais aqueles termos que são simples já não mais analisáveis, que por sua vez correspondem a entidades, a “átomos”, igualmente simples, nos mundos extralingüísticos.

A idéia de que o mundo é composto por átomos é muito antiga na História da Filosofia, mas a idéia de que os átomos são lógicos, que eles são a contraparte extralingüística do resultado da análise lógica da linguagem é inteiramente nova.

Para Wittgenstein há de um lado o mundo e, do outro, palavras e proposições (linguagem). Ambas as realidades estão cada uma em si, tendo em comum a forma lógica. De um lado, está a facticidade do mundo e, do outro, a estrutura lógica – sintática da linguagem. (ZILLES, 1994, p. 34)

De acordo com o “Tractatus”, tudo que pode ser pensado também pode ser dito. Os limites da linguagem são, portanto, os limites do pensamento, de modo que uma completa filosofia “do que pode ser dito” será uma teoria completa do “entendimento”. Todos os problemas metafísicos decorrem da tentativa de dizer o que não pode ser dito. (WITTGENSTEIN, 1999)

Wittgenstein (1999) dividiu a estrutura da linguagem em complexas e atômicas, afirmando que as primeiras eram construídas a partir das segundas mediante regras de formação que podiam ser interpretadas detalhadamente em termos da lógica de Russell. As sentenças atômicas são aquelas que empregam os primitivos da linguagem, isto é, os nomes e predicados elementares que, sendo indefiníveis servem para distinguir o que Wittgenstein chamou de fator atômico. Só uma proposição completa pode ser falsa ou verdadeira é, por conseqüência, só uma, pode dizer-nos algo sobre o mundo. Conseqüentemente, o constituinte mais básico do mundo e o que corresponde à sentença atômica. Esse constituinte básico é o fator atômico.

Wittgenstein (1999) proporcionou no “Tractatus” todo um sistema de argumentação filosófica, no que se refere a que fatos são atômica e que fatos não o são. Ele pretendia enunciar claramente a estrutura lógica do mundo não se preocupando com seu conteúdo real.

A lógica ocupa-se apenas da transformação sistemática de valores-de-verdade. Deve ser possível perceber toda operação em termos da transformação da verdade e da falsidade. A palavra “não” tem o sentido de transformar a verdade em falsidade e a falsidade em verdade.

## CAPÍTULO IV

### A FILOSOFIA, A LINGUAGEM DO CONHECIMENTO, O ATOMISMO LÓGICO E A EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

É importante situar o domínio do conceito de pragmática como relativo a reflexões da linguagem. Na tradição filosófica mais recente dos séculos XVIII e início do século XX, foi feita uma distinção dentro da linguagem, em três domínios: o da sintaxe, que é o estudo das regras; o da semântica, que é a análise do sentido; e o da pragmática, que se ocupa de investigar os usos da linguagem em relação a elementos diversos das situações de produção dos enunciados, tais como: os próprios interlocutores e suas complexas relações sociais, objetos empíricos, ações, etc. A pragmática então, é o estudo da linguagem do ponto de vista dos enunciados, enquanto situados em suas circunstâncias de produção, um exemplo: se estiver chovendo e eu digo que o dia está ensolarado, ao fazer esta afirmação eu estarei sendo irônica, mas eu estou usando o sentido literal para dizer exatamente o oposto.

Na história da filosofia há uma oposição tradicional, entre dois domínios, o dos objetos empíricos e o do pensamento. Os pré-socráticos notaram que ao descrevermos as transformações sofridas pelos corpos sensíveis, sejam mudanças em sua forma, seja mudança no espaço, chega-se inevitavelmente a contradições. Por exemplo, se um determinado objeto está em um estado "A" e passa para um estado "B", esta passagem corresponde aquela de um determinado ser, para outro estado que é sua negação. Se o objeto existe no primeiro estado, o segundo estado corresponde ao de não-existência desse mesmo objeto. Em uma linguagem mais enxuta: o ser é e o não-ser não é.

A designação Filosofia do Atomismo Lógico foi a designação que Hussell deu aos resultados da sua filosofia – em particular, nos domínios da Filosofia da Linguagem, da Filosofia do Conhecimento e da Ontologia – compreendido entre os anos 1905 a 1918, esta designação cobre na verdade um conjunto vasto de doutrinas e de teses que no entanto se entrecruzam para constituir um certo ponto de vista filosófico consistente. (BOHR, 1995)

A concepção básica que preside à Filosofia do Atomismo Lógico é a concepção segundo a qual é possível e desejável fazer uma análise lógica da linguagem corrente de tal forma que se determinem quais os "átomos" lingüísticos,

## CAPÍTULO III

### A LINGUAGEM COMO CAIXA DE FERRAMENTAS

Para Wittgenstein (1999) não deve se considerar, a linguagem como verdadeira ou falsa, mas saber usá-la. A filosofia nos ensina como usar a linguagem adequadamente, sabendo dos seus limites e calando-se diante do que não pode ser falado.

Ele faz uma comparação da linguagem com caixa de ferramentas e até mesmo com as alavancas de uma automotiva, pois às vezes, suas formas sejam parecidas e suas funções são diferentes. As ferramentas e as alavancas, só terão um significado para nós se soubermos como usá-las. Da mesma forma que uma ferramenta pode ser usada de várias maneiras, uma palavra também poderá ter várias funções, dependendo do contexto em que ela está inserida.

Suponha que uma ferramenta utilizada por um pedreiro na construção leva determinado sinal, uma etiqueta. Quando o pedreiro mostra o sinal (etiqueta) ao servente, este lhe traz a ferramenta que tem aquele sinal. É mais ou menos desse modo que o nome significa e é atribuído a uma coisa que será bastante útil, em filosofia, reiterar de quando em quando que denominar é uma operação semelhante a prender uma etiqueta a uma coisa. (WITTGENSTEIN, 1999, 14)

Para alguns estudiosos a linguagem tem origem convencional. O homo sapiens, por exemplo, inventou determinados sons para cumprir determinadas operações. Para Wittgenstein atribuir nomes as coisas é arbitrário, da mesma forma que é arbitrário convir sobre as regras de um jogo, pois a própria linguagem é concebida através de um jogo de linguagem, como exemplo disso temos a citação acima, que é o caso do acordo que existe entre um pedreiro e uma certa ferramenta.

Wittgenstein (Ibid.p. 15) afirma que a linguagem gera superstições e que é preciso desfazê-las, a tarefa da filosofia é esclarecer e neutralizar os efeitos enfeitiçadores da linguagem sobre o pensamento. A linguagem funciona em seus usos, não devendo indagar sobre os significados das palavras, mas sobre suas funções práticas, sendo estas múltiplas e variadas, constituindo assim diversas linguagens, que são verdadeiras formas de vida.

Pode-se dizer que a linguagem e a sociedade encontram – se numa relação de interdependência, a linguagem é a experiência da realidade, do equilíbrio, para as pessoas atuarem no meio social.

um acervo de imagem, muitos significados, e uma coleção de símbolos, com eles classificamos e ordenamos o mundo.

Observa-se que cada povo em seu tempo determinado, se comunicava de formas variadas, possuía uma linguagem específica e tinha uma forma peculiar de ver o mundo. Numa cultura primitiva, os povos estariam mais ligados aos ritos mágicos e às tradições religiosas do que a ciência.

Os significados das palavras se desenvolvem de acordo com a realidade lógica de nossas experiências particulares, de nossos estados motivacionais em determinado momento. A comunicação é algo primordial para a existência humana. (DIAS, 2000)

Para eles o significado é permanentemente estabelecido e redefinido no contexto da intersubjetividade, observemos as palavras mulher, trabalho, será que essas palavras teriam o mesmo significado para uma mulher brasileira, uma indiana e uma afegã. Observemos a palavra desenvolvimento será que ela tem o mesmo significado para uma pessoa que mora em Cariri na Bahia e para uma pessoa em Florianópolis no Espírito Santo?

Inicialmente crescemos convencidos que as gerações passadas criavam todos os significados, mas isso é uma forma errônea de se pensar, pois a criação de significados é um processo contínuo. Algumas palavras ficam velhas então cria-se outras palavras e outros significados. Uma palavra tem um significado ou um sentido, às vezes, pessoal para nós. O sentido está marcado pelas emoções e afetos que uma palavra evoca.

Sabemos que uma criança com quatro meses de vida intra-uterina já ouve com nitidez vozes, barulhos, músicas etc; e depois de nascidos soma-se a estes estímulos, linguagem não verbal, como gestos e sorrisos.

A comunicação é a forma motriz do desenvolvimento. A criação de significados e desenvolvimentos de uma criança depende da riqueza, qualidade e quantidade dessa comunicação. Há crianças que são privadas deste processo e chegam à morte, como nos casos de marasmos.

Para eles o sentido e o significado são dinâmicos, o sentido se altera constantemente enquanto o outro é mais estável e altera de forma mais lenta.

Como Wittgenstein (1999) afirmou o significado de uma palavra é seu na língua, não buscando o significado, mas o uso, e a principal relação entre significado, contexto e afetividade é: não existe significado sem haver afetividade e todos esses conceitos estão intrinsecamente ligados.

Tanto para Kant quanto para o Wittgenstein é preciso que conheçamos a situação real que condiciona o nosso pensamento e linguagem. E isso, porque na opinião deles, sob todas as gramáticas particulares das diversas, há uma gramática mais profunda, que reflete os aspectos universais da experiência humana. A tarefa que nos espera como filósofo é de penetrar nessa gramática mais profunda.

A linguagem define também o nosso próprio pensamento a nossa visão de mundo, e como interpretamos os fenômenos que nos circunscrevem, os seres que estão em nossa volta. A linguagem define o próprio conhecimento. Possuímos

se necessário salientar que a expressão gramática, no sentido em que Wittgenstein a emprega, não deve ser confundida com a gramática normativa de uma dada língua em particular. Ao usar a expressão gramática, está essencialmente preocupado, com a dimensão filosófica da linguagem.

Wittgenstein (1999) afirma que os dados de comunicabilidade devem estar fundamentados na linguagem natural, que por sua vez também é pública. Se o indivíduo procurasse expressar sua vivência subjetiva através de um detalhamento, atendendo-se apenas a algo específico, buscando a objetividade e especificidade poderia recair em um pseudo-entendimento.

Para entender melhor tal elaboração, Wittgenstein utiliza-se de uma analogia e afirma:

Ora, alguém me diz a seu respeito, saber apenas a partir de seu próprio caso o que sejam dores! – Suponhamos que cada um tivesse uma caixa e que dentro dela houvesse algo que chamamos de 'besouro'. Ninguém pode olhar dentro da caixa do outro; e cada um diz que sabe o que é um besouro apenas por olhar seu besouro. – Poderia ser que cada um tivesse algo diferente em sua caixa. Sim, poderíamos imaginar que uma tal coisa se modificasse continuamente. Mas se a palavra 'besouro' tivesse um uso para estas pessoas? Neste caso, não seria o da designação de uma coisa. A coisa na caixa não pertence, de nenhum modo, ao jogo de linguagem nem mesmo como um algo: pois a caixa poderia também estar vazia. – Não, por meio desta coisa na caixa, pode-se 'abreviar'; seja o que for é suprimido. Isto significa: quando se constrói a gramática da expressão da sensação segundo o modelo de 'objeto e designação', então o objeto cai fora de consideração, como irrelevante. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 54)

No entanto, isso não quer dizer que os sentimentos privados sejam incomunicáveis. É possível estabelecer um elo comunicativo entre o mundo de outrem, na medida em que indivíduo utilize-se de um organismo da gramática, que seja comum a todos, ou seja, um esquema público da linguagem.

Wittgenstein costumava sempre repetir o "significado de uma palavra é seu uso na língua" (1999, p. 49), através disso resolvi pesquisar sobre o significado contexto e afetividade em alguns filósofos como: Foucault, James Wertsch, e Uigotski. Para eles o outro tem fundamental importância na vida do outro. A linguagem, por exemplo, tem capacidade de regulação do comportamento e capacidade de determinar coisas, um exemplo disso: quando uma pessoa diz a outra que ela não é capaz de contar, isso pode tornar-se uma verdade, se a pessoa que for contar estiver insegura ou indecisa.

a gramática não diz como a linguagem deve ser construída para realidade sua finalidade, para ter tal ou tal efeito sobre os homens. Ela apenas descreve, mas de nenhum modo explica o uso dos signos. (...) com isto pode-se dizer que a finalidade da gramática é apenas a da linguagem. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 141)

Nesta visão o sentido da proposição, isto é, o que ela expressa, é um acontecimento, a saber, o fato de que certos objetos estão combinados na realidade. Ela pode expressar isso porque ela mesma é um caso onde certos nomes estão combinados. A única exigência necessária para que ela esteja dotada de significação é que esses nomes tenham significado, que eles designem algo existente. "A figuração é um modelo da realidade. A proposição é modelo da realidade tal como pensamos". (WITTGENSTEIN apud ZILLES, 1994, p. 35). Portanto, o único contato entre a proposição e a realidade se dá através dos nomes que a compõem, por meio das relações projetivas que conectam esses nomes aos objetos que eles nomeiam.

Em conformidade com alguns questionamentos: "como isso foi possível? Como foi possível que o pensamento tratasse ele mesmo desse objeto? Parece-nos como se tivéssemos, como ele, captado a realidade" (WITTGENSTEIN, 1999, p. 131). A linguagem é em sua forma completamente analisada, na qual signos simples ligam-se imediatamente aos objetos, aos constituintes últimos da substância do mundo, não existe concretamente em parte alguma; é apenas sua possibilidade que é afirmada no "Tractatus", enquanto condição transcendental para a existência do fenômeno da representação.

A pergunta sobre qual seria o "real" nome de um objeto só se poderia responder, segundo o "Tractatus", dizendo-se que ele é qualquer signo que ocupa na linguagem uma posição formalmente idêntica à que um objeto ocupa no campo de suas possibilidades de combinação com outros objetos. Rigorosamente falando, os nomes, enquanto signos determinados são dispensáveis para o funcionamento da linguagem. Mas, uma linguagem e um pensamento podem pertencer apenas aos homens dependendo da sua origem ou cultura. Que pode ser uma realidade universalmente partilhada por todos os homens e ter apenas um único significado.

"Entretanto, a linguagem em Wittgenstein (1999) de acordo com as Investigações Filosóficas" pode ser pensada como um modelo de racionalidade que se contrapõe à razão moderna para superá-la em suas impossibilidades e contradições. A gramática é uma noção central nessa formulação. No entanto, torna-

A linguagem no livro "Investigações Filosóficas" não é o funcionamento da linguagem e nem mesmo a forma de expor as palavras, mas seu uso prático, por isso se diz que a linguagem é algo vivo. A filosofia é um canal para repensar nossas possibilidades concretas da realidade e eliminando mal-entendidos que foram repassados através da linguagem. Um grande exemplo disso foi que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, e hoje se tem a verdade, que o Brasil não foi descoberto, pois quando ele chegou aqui, os índios aqui já moravam.

"Na linguagem exercemos as artes das artes, porque reproduzimos criativamente a realidade" (BUZZI, 1998, p. 51)

Ao falar de uma figura que é realidade, ela é representada pela fala, pois esse falar ficou claro pela representação do objeto. Toda fala deve ter sentido sendo por meio de seu contexto.

Porém, Wittgenstein insiste em que a maneira pela qual a proposição se torna significativa, ou adquire seu sentido, não pode ser a mesma pela qual os nomes obtêm seu significado. No "Tractatus", são as relações projetivas entre a linguagem e a realidade que permitem que o signo proposicional nos apareça como uma importância da situação cuja existência é afirmada. Portanto, diferentemente do signo proposicional como um todo, cuja articulação interna nos exhibe o sentido da proposição, os nomes são signos não-articulados cujo significado é puramente convencional; eles não nos mostram seu significado. A proposição, expressão de um pensamento, tem algo em comum com o que é descrito: a forma lógica. A cada elemento da proposição corresponde um objeto da realidade. Se algo ocorre na proposição, algo deve ocorrer no mundo, no caso do enunciado ser uma figura correta da realidade. (ZILHÃO, 1993)

Sendo assim, um sistema de signos capaz de representar deve ter, para Wittgenstein, a mesma "multiplicidade lógica" da realidade que ele representa, isto é, as possibilidades de articulação de seus elementos devem corresponder exatamente as possibilidades de combinação dos objetos que esses elementos designam. A linguagem, entendida como um sistema de signos capaz de veicular todos os sentidos concebíveis, ou seja, capaz de expressar a existência de qualquer situação possível, deve portanto, conter tantos nomes quantos são os objetos que compõem a estrutura da realidade, e deve ser governada por regras sintáticas que espelham em seu funcionamento as combinações admissíveis daqueles objetos. Afinal,

A linguagem não é significação, mas pensamento, quando falamos nos vem na cabeça o objeto, ou seja, a coisa de que falo, pensar já é uma espécie de falar.

Deve-se primeiro pensar para colocar as palavras em ordem.

Podemos apenas dizer alguma coisa, se aprendemos a falar. Quem quer, pois, dizer alguma coisa deve ter aprendido a dominar uma língua; e é claro que, ao querer falar, não precisa falar. Como também ao querer dançar, não dança. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 113)

Não falamos uma palavra se não a conhecemos, ou mesmo se a conhecemos e não sabemos seu significado, pois a palavra sozinha não vale nada, ela só tem valor no seu contexto.

Não se advinha como uma palavra funciona, da mesma forma, não há como falar sem pensar.

Wittgenstein abandona a primazia da lógica nas “Investigações Filosóficas” começando a descrever os usos que fazemos das expressões de nossa linguagem, é através do uso que aprendemos seu significado real.

Os jogos de linguagem são determinados conjuntos de regras, novos jogos de linguagem surgem a partir dos já existentes, assim mudamos os significados das palavras, por isso, as palavras nunca terão sua última elucidação. Alguns dos problemas e discussões filosóficas surgiram justamente por causa da falta de atenção as transições gramaticais. Por isso, Wittgenstein critica o tradicionalismo, pois os tradicionalistas agiam sem pensar, e possuíam um mal entendimento.

A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. Tudo muda no universo, e a língua também. Como dizia o filósofo grego Heráclito, “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”, porque na segunda vez já não será a mesma pessoa, já não será as mesmas águas, já não será o mesmo rio (MARCONDES, 2002, p. 67)

Há inúmeras formas daquilo que chamamos de signos, palavras e frases, essa pluralidade não é fixa, os jogos de linguagem nascem e outros envelhecem e são esquecidos.

soltas não determinam a regra, mas a regra determina o uso correto das peças do jogo. "Compreender uma palavra e saber como ela funciona, dentro de um determinado jogo. Fundamental é o modo de usar". (ZILLES, 1994, p. 76)

Santo Agostinho no seu livro "Confissões" escreveu: "Quid est ergo tempus? Si mesmo ex me quaerat scio; si quaerenti explicare velim, nescio". (AGOSTINHO, 1990, p. 49)

Deve-se refletir sobre este assunto porque algo que sabemos o que é, às vezes, é difícil de explicar ou definir.

Observa-se que a construção do jogo de linguagem é algo peculiar, sucinto, tendo em vista que a linguagem é algo único e às vezes, difícil de ser compreendida, mas é importante ressaltar que não é a palavra que importa, mas sua significação.

Quando se procura apreender a essência da coisa, tiramos seu emprego metafísico e levamos para o cotidiano, ao falar da linguagem Wittgenstein fala da linguagem cotidiana, muitas vezes grosseira.

A palavra chave no uso da linguagem é a palavra ler, e a partir dela que podemos compreender o que é lido, transformando algo escrito em sons, como por exemplo uma música.

O uso dessa palavra, nas circunstâncias da nossa vida habitual, nos é naturalmente muito bem conhecido. Mas o papel que a palavra desempenha em nossa vida, e, além disso, o jogo de linguagem no qual a empregamos, seriam difíceis de expor mesmo em traços grosseiros. Uma pessoa, digamos, um brasileiro, recebeu, na escola ou em casa, um dos gêneros de educação usuais entre nós e, com essa educação, aprendeu a ler sua língua materna. Mais tarde, lê livros, cartas, jornais, etc." (WITTGENSTEIN, 1999, p. 68)

Ler é uma certa vivência de passagem do signo ao som falado.

As palavras e comportamentos também estão ligados as sensações, dor, alegria, tristeza, pois, a partir do momento que você sabe o que aquela palavra designa, você conhecerá seu emprego. Deve-se saber pensar para utilizar as palavras, a própria linguagem é um veículo do pensamento.

"Quando penso na linguagem não me pairam no espírito significações ao lado da expressão lingüística; mas a própria linguagem é o veículo do pensamento". (WITTGENSTEIN, 1999, p. 111)

signo sozinho parece morto o que lhe dá vida? – No uso ele vive” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 131).

“O termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”. (Ibid., p. 18).

Cada povo depende de seu modo de vida, cultura, religião e até cor, para definir seu jogo de linguagem, porque a palavra oficina, pelado, saco, tem um significado aqui no Brasil e na Espanha tem outro que é: escritório, careca, paletó. Deve-se, portanto conhecer a origem da palavra naquela língua para depois delimitar seu significado.

Pois a palavra ‘número’ indica aqui em qual lugar da linguagem, da gramática colocamos a palavra. Mas isto significa que a palavra ‘número’ deve ser elucidada, antes que aquela definição ostensiva possa ser compreendida. (Ibid., p. 21)

A partir do momento que uma palavra é elucidada e compreendida, pode-se evitar mal-entendidos, não há nenhuma última elucidação, cuidado com o fato de que a elucidação pode ter significado ambíguo e então mal compreendida, a forma de interpretação consiste no modo pelo qual a pessoa faz o uso da palavra elucidada, às vezes, aprendemos de modo diferente o uso das palavras.

Quando ouve-se os nomes: mesa, lápis, casa, evoca-nos a imagem do denominado perante a alma, e consiste entre outras coisas também no fato de que o nome está escrito sobre o denominado.

“A palavra não tem significado quando nada lhe corresponde”. (Ibid., p. 21)  
A palavra sozinha sem nenhuma relação com a cultura não diz nada. Pode-se, às vezes, substituir a palavra “sim” por um sacudir de cabeça, pois a significação da palavra é seu uso na linguagem. Quando denomina-se uma palavra preparamos para descrever um objeto. Ex.: A palavra rapariga aqui em Goiás quer dizer prostituta, no Sul quer dizer moça.

A linguagem é um jogo que é jogado segundo suas regras, sendo um auxílio no ensino do jogo.

De acordo com Wittgenstein (1999) o uso no interior de um jogo de linguagem não é uma prática indiferenciada ainda que relativamente livre, pois é regido por regras que distinguem o uso correto do incorreto das palavras nos contextos. A linguagem é um produto social. Ela é como um jogo de xadrez, o uso de cada peça determina se ela está sendo empregada correta ou não, as peças

## CAPÍTULO II

### LINGUAGEM E OS JOGOS DE LINGUAGEM

A saber, esta: as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da idéia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada a palavra. É o objeto que a palavra substitui. (Wittgenstein, 1999, p. 9)

Wittgenstein (1999) afirma que ao se dizer uma palavra logo pensamos no objeto e que a palavra é um meio de ligação entre a linguagem e o objeto. A palavra é a forma de entendimento entre duas ou mais pessoas, mesmo ela tendo uma representação primitiva. A linguagem é útil, porém, delimitada.

Para entender melhor o que é linguagem, Wittgenstein fala dos “jogos de linguagem”. É a denominação; exs.: carro, livro; repetição de palavras; o conjunto de linguagem e atividades interligadas. É também o uso que fazemos das expressões lingüísticas nos diferentes contextos ou situações, sabendo que os jogos de linguagem são múltiplos e multifacetados.

As palavras têm funções diferentes, dependendo do contexto em que ela foi usada. Às vezes uma palavra pode ter o significado de uma frase completa, mas quando não se ouve o começo ou o fim de uma oração ela não é um meio de comunicação.

O jogo de linguagem, então, é uma forma de vida ou atividade, quando não se ouve uma oração ou frase por completo pode-se dar outra significação.

Para Wittgenstein (1999) só uma proposição completa pode ser verdadeira ou falsa e, por conseqüência, só uma proposição completa pode dizer-nos algo sobre o mundo: (em investigações elas podem ser impróprias, portanto não podem ser ditas). “Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN apud ZILLES, 1994, p. 41). Então, a linguagem não é algo solto, ela está ligada com o mundo, sendo o mundo, portanto, a totalidade de tais fatos: “A linguagem considerada como ‘a totalidade das proposições’ é figuração do mundo” (Ibid. p. 42) Nesse sentido a linguagem é o espelho do mundo, o que se reflete na sua natureza. É por esta razão que a realidade só pode ser compreendida através da linguagem e o conhecimento consiste na análise da linguagem. “Todo

- "Ótimo"! e suas palavras antes de perder a consciência foram: - "Diga-lhes que eu tive uma vida maravilhosa". E faleceu dois dias depois.

Obras de Wittgenstein mais importante.

1921\_ Tractatus Lógico-Philosophicus

1953\_ Investigações Filosóficas

1953\_ Anotações sobre os fundamentos da Matemática.

1958\_ Cadernos azul e marrom

1961\_ Diário Filosófico 1914 – 1916

1965\_ Observações filosóficas

1965\_ Leituras de ética

1966\_ Leituras de conversações sobre estética, psicologia e crenças religiosas.

1969\_ Sobre a certeza.

## CAPÍTULO I

### VIDA E OBRA

Ludwig Josef Johan Wittgenstein, nasceu em Viena em 26 de abril de 1889, sua ascendência Judaica cessou como o avô paterno que se convertera ao protestantismo.

A educação de Wittgenstein até aos 14 anos era totalmente em casa, demonstrava interesse por engenhos mecânicos a ponto de construir uma máquina de costura que provocou grande espanto a todos. Seus pais então resolveram enviá-lo a uma escola na Áustria, onde a grande ênfase do estudo era a Matemática e a Física. Após três anos na Áustria, Wittgenstein ingressou na Escola Técnica Superior em Berlim, na primavera de 1908, deixou essa escola e mudou-se para Inglaterra estudando engenharia na Universidade de Manchester, dedicou três anos de sua vida a pesquisas aeronáuticas.

Seus interesses, porém começaram a afastar-se desta área, procurando orientar-se da Matemática pura. Nessa época ela encontrou Bertrand Russell.

Em 1913, seu pai morre e Wittgenstein herda uma grande fortuna. Contudo, em pouco tempo ele desfez-se dela doando-a para artistas e escritores austríacos.

Apesar de estar extremamente concentrado em seus estudos em Cambridge e nas conversas com Russell, Wittgenstein sentia que não podia chegar à raiz das questões fundamentais, enquanto tivesse cercado por outros acadêmicos. Em 1913 partiu para filosofar solitário em uma cabana na Noruega. O isolamento proporcional a ele devoção completa a seu trabalho, sendo este período mais produtivo de sua vida.

Wittgenstein tornou-se um pouco desafeto a Russell a começar pela introdução feita por este para o *Tractatus*, a qual Wittgenstein não gostou, alegando que ele não entendera conceitos fundamentais da obra.

Em 1920 ele passou a ser um simples professor de primário abandonando esse ofício em 1926.

Depois de viver na Irlanda descobriu que estava com um câncer mas ele não ficou deprimido e declarava que não queria viver. Em 27 de abril de 1951 a doença se agravou e o médico informou que seu fim chegara e ele respondeu:

Um ponto de divergência entre “Tractatus” e as “Investigações Filosóficas” é a noção de proposição. No “Tractatus”, uma proposição é uma figuração, ou seja, um retrato de um determinado estado de coisa ou de fato. Nas “Investigações Filosóficas”, Wittgenstein (1999) demonstra que os pressupostos da noção de proposição do “Tractatus” são falsos, isto é, reformulado do ponto de vista que define a proposição com sendo referência e representação do mundo.

Para corrigir esta noção de proposição de “Tractatus”, Wittgenstein (1999) introduz nas investigações a noção fundamental de jogos de linguagem com o conjunto de palavras e expressões associadas a determinadas atividades extralingüísticas regidas por um determinado conjunto de regra. Para ele novos jogos de linguagem surgem a partir dos já existentes, assim mudamos os significados das palavras quando as usamos fora de seus jogos de linguagem originários. Muitos problemas e discussões filosóficas surgem juntamente por não estarmos atentos as essas transições gramaticais e estas mudanças de significados no uso de uma mesma expressão. Tais expressões e palavras estão associadas a nossa e sentimento de maneira dicotômica, afetando e influenciando-nos de forma diversas.

Nas “Investigações Filosóficas”, Wittgenstein (1999) explica que a linguagem é como uma caixa de ferramentas, para ele não devemos querer saber se algo é falso ou verdadeiro, devemos sim saber como usar a linguagem. Imagine uma caixa de ferramentas que contém chaves de fendas, brocas e parafusos e uma pessoa necessita colocar um quadro na parede, mas não sabe como utilizar as chaves de fendas, a broca e os parafusos. Então para que lhe serviu a caixa de ferramentas se a pessoa não sabe usar?

A linguagem funciona como uma caixa de ferramentas, ela só tem utilidade para quem sabe usá-la.

Wittgenstein concluiu que seria necessário fazer uma “terapia da linguagem, afinal, muitos dos problemas filosóficos se mostrariam como falsos problemas, como simples problemas de linguagem”. (COTRIM, 2002, p. 222)

Através de orientações, de diálogos entre os mais velhos ou relatos de seus pais, isso irá definir o seu próprio universo ou mundo onde buscará abrigo e comida e se reproduzirá.

Cada comunidade lingüística possui características próprias e exclusivas, por exemplo: Os indígenas que não conhecem as abstrações, só se referem a algo real, não se referem a condição humana mas falam da fauna e flora pois, vivem neste contexto.

A linguagem é importante não só pela função descritiva e comunicativa, como também pela função existencial. Como efeito, além de descrever objetos e comunicar sentimentos, ela serve ainda para testemunhar aos outros e a nos mesmos a nossa existência. (MONDIN, 1980, p.42).

Quando não falamos ocorre a desorientação e o mesmo ocorre em lugares onde há confusões e rumor, às vezes uma voz familiar dá testemunho da nossa existência, a palavra adquire densidade e é existencial. Ter um nome significa possuir uma existência, algo só existe para aqueles que conhecem seu nome.

Nas Investigações Filosóficas há algumas palavras-chave de fundamental importância que são: linguagem mundo, lógica e caixa de ferramentas.

Elas procuram descrever os usos que fazemos das expressões de nossa linguagem, para através deste uso, aprender seu significado real, não sendo então, a lógica a única capaz de reger a linguagem, no sentido de determinar a sua significação, então o uso da linguagem passa a ter maior importância sobre o ideal de uma lógica perfeita que regeria a estrutura não do da linguagem, mas do mundo. Assim no "Tractatus" os problemas da filosofia surgiam devido a um desrespeito ou desconhecimento da lógica de nossa linguagem; já nas Investigações Filosóficas, os erros filosóficos surgem porque não remetemos as expressões e palavras aos seus usos reais, ou seja, a sua gramática.

Nas "Investigações Filosóficas" a concepção do "Tractatus" é vista como um erro. (WITTGENSTEIN, 1999)

Não é a lógica que rege a linguagem num sentido de determinar sua significação, mas seu papel será representar idealmente algum aspecto da linguagem em uso. Portanto, nas Investigações, o uso da linguagem passa a ter a primazia sobre o ideal de uma lógica perfeita que regeria a estrutura da linguagem do próprio mundo.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe mostrar a relevância linguagem para o curso de Filosofia. Nota – se que é através da linguagem que pode – se representar, compreender e expressar, ela é algo inseparável do homem.

Venho através desde desvendar também conceitos, às vezes mistificados como: o modo de falar corretamente, a maneira de empregar as palavras. A linguagem é algo complexo que envolve regras e palavras. Ao entrar no mundo da linguagem estamos mergulhando em um mar de informações.

A linguagem é simbólica, estruturada e adequada a cultura dentro da qual se desenvolve, permitindo que o indivíduo vá além do mundo vivido, do presente para o mundo das idéias e da reflexão, possibilitando que o homem ultrapasse a sua realidade de vida.

Percebe – se que as palavras são de grande importância, pois orientam para determinados aspectos e particularidades. Cada pessoa possui característica própria de ser e de ver o mundo cada qual vive a sua realidade. Nesse caso, o tipo de linguagem e o aspecto de vida estão relacionando com a região onde determinada pessoa vive.

A linguagem é segundo uma imagem do próprio Wittgenstein, como uma nebulosa constituída de múltiplos locais, região, sublinguagens mais ou menos aparentadas entre si, e é nelas e nas transgressões de suas fronteiras internas que o filósofo deve focalizar sua atenção. (COTRIM, 2002, p .35)

Um exemplo: Relacionando com o tipo de vida são os nômades eles conhecem e nomeiam várias espécies de animais de determinada região, bem como os animais que são úteis ao seu consumo ou não, e também conhecem o comportamento de cada um, deve distinguir também os vegetais comestíveis dos tóxicos. Na sociedade a linguagem irá girar em torno de sua realidade.

Outro exemplo é a sociedade voltada para agro – pastoril, ou outras, a linguagem será totalmente voltada para o seu meio. Cada cultura que ocupa o mesmo espaço tem cada qual uma linguagem particular que determina sua realidade, suas necessidades de sobrevivência.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>VIDA E OBRA .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>LINGUAGEM E OS JOGOS DE LINGUAGEM .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>A LINGUAGEM COMO CAIXA DE FERRAMENTAS .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>A FILOSOFIA, A LINGUAGEM DO CONHECIMENTO, O ATOMISMO LÓGICO E A EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>25</b>

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA  
CURSO DE FILOSOFIA

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Data: 22 de junho de 2006

Hora: 19:00 h

Local: Sala do 7º período de Filosofia

Acadêmica: **ELIANE MACIEL BARBOSA MILHOMEM**



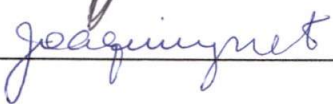
Tema: **A LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN**

Componentes da Banca:

José Geraldo da Trindade (Orientador)

José João Barbosa Vicente

Pe. Joaquim José Neto

  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_

Nota: 98

Rubiataba, 22 de junho de 2006

  
Pe. Joaquim José Neto  
Coordenador

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus possuidor de toda sabedoria, ao meu esposo Paulo Milhomem, a minha filha Paloma, aos meus pais que são a razão do meu viver, aos meus ex e atuais professores, ao coordenador do curso de Filosofia Pe. Joaquim Neto, ao meu orientador José Geraldo da Trindade e a todos meus colegas formandos de 2006.

**ELIANE MACIEL BARBOSA MILHOMEM**



## **LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor José Geraldo Trindade

RUBIATABA - GO  
2006

*Fil. da Linguagem*

30639  
soori

Tombo n.º	12718
Classif.:	130
Ext.:	1
Origem:	d
Data:	28-3-07

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

**ELIANE MACIEL BARBOSA MILHOMEM**

**LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN**

RUBIATABA - GO

2006